



Relatos de Experiência: Eixo 9 - Educação Infantil

## **O RECONHECIMENTO DA CULTURA AFRICANA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: OPORTUNIDADE PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE INCLUSIVA**

Carla Mendes da Silva – UEPG-Ponta Grossa<sup>1</sup>  
Kelly Cristina Ducatti da Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** O relato evidencia a importância de práticas pedagógicas inclusivas e representativas na educação infantil. Essas práticas foram realizadas no final do ano letivo de 2023 no contexto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Financiado pela Capes, o PIBID contribui na formação de professores, uma vez que favorece parcerias entre a Instituição de Ensino Superior e escolas de educação básica, inserindo ativamente os licenciandos na realidade escolar como maior aproximação às situações de docência. Quatro duplas de discentes bolsistas planejaram e desenvolveram com a supervisão da professora atuante na educação infantil, práticas pedagógicas que contemplaram brincadeiras, culinária, arte e contação de histórias africanas. Cada dupla de discente bolsista proporcionou experiências significativas, como a confecção de máscaras africanas, a realização da receita de um doce, vivência de brincadeiras e contação da lenda da Abayomi. As práticas pedagógicas promoveram a valorização da cultura africana e afro-brasileira, enriquecendo o aprendizado das crianças e fomentando reflexões sobre diversidade cultural e ancestralidade.

**Palavras-chave:** PIBID. Educação Infantil. Dia da consciência negra.

### **Apresentação**

Financiado pela Capes, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) tem como objetivo principal aprimorar a formação de docentes em nível superior para a educação básica ao proporcionar uma formação crítica, consistente e qualitativa aos estudantes dos cursos de licenciatura e aos professores da rede municipal de ensino que atuam como professores supervisores do âmbito do programa. Através das experiências vivenciadas por um subprojeto no Curso de Licenciatura em Pedagogia, que incluem práticas em sala de aula, reuniões formativas, aulas passeio e participação em eventos, os integrantes têm a oportunidade de se destacar em suas práticas educativas nas escolas em que atuam. Isso resulta em um repertório cada vez mais abrangente e enriquecido com vivências diversas para acadêmicos, professores e para as crianças.

<sup>1</sup> Mestranda em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Professora supervisora do Subprojeto Pedagogia-PIBID/UEPG. Professora de Educação Infantil do município de Ponta Grossa – PR. Lattes iD: <https://lattes.cnpq.br/9617121468341065> .ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0001-1775-3020>.

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela UNICAMP-Campinas-SP. Docente do Departamento de Pedagogia da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Coordenadora Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/5149857645503914> . ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-5854-4412>.



O subprojeto do PIBID de Pedagogia da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) denominado "As cem linguagens da/na Educação Infantil" é inspirado no livro dos autores Edwards, Gandini e Forman (1999) intitulado: "As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na Educação da Primeira Infância". Com o intento de tornar a experiência significativa, o projeto prevê inserções mensais dos acadêmicos, abordando eixos temáticos ligados à Arte, tais como Obra/artista, escultura, música, contação de histórias, poema e dança.

Essa linha deu-se até o mês de outubro, e em uma reunião com a coordenadora do subprojeto, acadêmicos e professoras supervisoras foi acordado que a valorização da cultura negra na educação infantil é um tema de extrema relevância no contexto educacional contemporâneo e necessário ser incorporado no subprojeto. Este artigo propõe uma reflexão sobre a importância de incorporar e celebrar as contribuições da cultura afro-brasileira no ambiente escolar destinado às crianças com idade pré-escolar, relatando de que forma a cultura africana pode ser abordada e valorizada. Além disso, serão apresentadas experiências vivenciadas por crianças de 5 a 6 anos em uma escola pública da cidade de Ponta Grossa durante o mês de novembro de 2023.

O trabalho ocorreu nesse período em razão do Dia da Consciência Negra, celebrado em 20 de novembro. Embora seja fundamental abordar questões raciais diariamente, reconhecemos a importância de dedicar atenção especial a essa temática em datas específicas como a supracitada. Compreendemos que conhecer e se apropriar de outras culturas desde os primeiros anos de vida é essencial para promover a diversidade cultural.

Essa prática não apenas enriquece a experiência educacional, mas também contribui para a formação de indivíduos conscientes, respeitosos e capazes de compreender a complexidade e a riqueza das diferentes manifestações culturais presentes em nossa sociedade. Nessa perspectiva, exploraremos como PIBID de Pedagogia adotou estratégias e práticas pedagógicas para promover uma educação infantil mais inclusiva e representativa, destacando a cultura negra como parte fundamental do patrimônio cultural brasileiro contemplando os eixos temáticos ligados a Arte.

## **O ensino da cultura Africana na educação infantil**

O debate em torno da inclusão da cultura africana no currículo educacional, especialmente na fase crucial da educação infantil, é muitas vezes permeado por opiniões divergentes. Bell Hooks, renomada educadora e ativista, em sua obra "Ensinando a Transgredir: a educação como prática de liberdade" (2017), expressa a importância de uma abordagem educacional que celebre a diversidade cultural e promova a justiça social.



A autora destaca o equívoco de alguns em interpretar o apoio à diversidade cultural como uma tentativa de substituir uma ditadura do conhecimento por outra. (Hooks, 2017) A resistência a incluir a cultura africana no contexto educacional muitas vezes deriva do medo de uma suposta imposição de uma única perspectiva. No entanto, a verdadeira intenção é promover uma visão mais ampla e inclusiva do mundo, enriquecendo a experiência educacional das crianças.

Ao citar a necessidade de afirmar solidariedade através da crença em um espírito de abertura intelectual, Hooks destaca a importância de acolher a divergência. Isso implica não apenas a aceitação da diversidade, mas também a disposição para aprender com ela. No contexto da educação infantil, essa abertura intelectual se traduz na inclusão de diferentes perspectivas culturais, como a africana, para que as crianças cresçam com uma compreensão rica e respeitosa da diversidade que compõe o tecido social.

A transformação das instituições educacionais é um chamado para todos na academia e na sociedade como um todo. A celebração da diversidade cultural não é apenas uma opção, mas uma necessidade para refletir a verdadeira essência da humanidade. O ensino da cultura africana na educação infantil desempenha um papel crucial nesse processo, permitindo que as crianças compreendam desde cedo a riqueza e a complexidade do mundo em que vivem. “O compromisso com a pedagogia engajada leva em seu bojo a disposição a ser responsável, não a fingir que os professores não têm poder para mudar a direção de vida de seus alunos” (Hooks, 2017, p.272). Ao introduzir a cultura africana no currículo, os professores não apenas oferecem conhecimento sobre uma herança rica, enraizada em nossa cultura, mas também promovem uma visão mais inclusiva da sociedade. Essa atitude responsável é fundamental para moldar mentes jovens com a consciência de que a diversidade é uma força a ser celebrada, não temida.

Em conclusão, o ensino da cultura africana na educação infantil é mais do que uma simples inclusão curricular; é um compromisso com a construção de uma sociedade que valoriza a diversidade, promove a justiça e nutre o amor pela liberdade. Ao seguir a visão de Bell Hooks, podemos renovar nossas mentes e transformar as instituições educacionais, construindo um futuro onde a alegria diante da diversidade cultural seja o alicerce de uma sociedade mais justa e equitativa.

### **Relato das Práticas Pedagógicas Representativas**

A Lei nº 10.639 (Brasil, 2003) é reconhecida como um marco significativo na educação brasileira, uma vez que tornou obrigatório o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira, e instituiu o Dia da Consciência Negra como uma data oficial no calendário escolar. Celebrando duas décadas em 2023, a lei simboliza o ápice dos esforços do Movimento Negro



em consolidar uma política educacional que reconheça a contribuição fundamental dos povos negros na formação histórica e cultural do nosso país. Diante disso, é pertinente que um programa formativo de grande relevância, como o PIBID, envolva a cultura africana em seu currículo.

Para este fim, a professora supervisora propôs que cada dupla de acadêmicos baseasse sua aula em um eixo temático da cultura africana: brincadeiras, culinária, arte e histórias. Com o objetivo de enriquecer a experiência, foram disponibilizados diversos materiais e livros para inspirar os acadêmicos a planejar uma aula repleta de significados.

A primeira dupla optou por apresentar algumas brincadeiras de origem africana para as crianças. Para evitar que isso ocorresse de maneira descontextualizada, decidiram iniciar a aula com um varal didático, considerando que o Dia da Consciência Negra é uma celebração inspirada em figuras notáveis que desafiaram as adversidades do preconceito racial e da invisibilidade negra em seu meio social. Esse varal contou com a imagem e a nomenclatura de diversas brincadeiras africanas e de algumas figuras importantes, como *Zumbi dos Palmares*, *Luiza Mahin* e *Abdias Nascimento*.

Ao apresentar as imagens, explicou-se que *Zumbi dos Palmares* foi líder do Quilombo dos Palmares, símbolo de resistência à escravidão e busca pela liberdade; *Luiza Mahin*, mulher negra envolvida em movimentos abolicionistas, é fonte de inspiração na luta contra a opressão; e *Abdias Nascimento*, incansável defensor dos direitos civis e da valorização da cultura afro-brasileira, também é uma referência importante. Esses ícones, entre outros, iluminam o caminho para uma compreensão mais profunda da história e contribuem para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Em seguida, as crianças foram ao pátio da escola para iniciar uma tarde de brincadeiras de cultura africana retiradas do livro *brincadeiras africanas para a educação cultural*. (Cunha, 2016) Com o pátio demarcado em 16 quadrados (4x4), a primeira brincadeira apresentada foi a *amarelinha africana*, na qual um jogador se posiciona à frente da extremidade esquerda dos quadrados e inicia saltando com um pé em cada quadrado, ao ritmo da música, para a direita, e ao chegar ao final, retorna até o quadrado inicial. Ao retornar aos primeiros quadrados, o jogador pula para os quadrados da fileira da frente (segunda fileira), e o próximo jogador entra no primeiro quadrado e realiza as mesmas movimentações do jogador à sua frente. E assim segue essa dinâmica, deslocando-se para a terceira e a quarta fileira, até terminar o jogo.

Após todas as crianças participarem da primeira brincadeira, foi realizada a próxima, denominada *mamba*. Primeiramente, estabelece-se um campo para o jogo, onde todos devem permanecer dentro dos limites. Um jogador é designado como a *mamba* (cobra), que deve correr ao redor da área marcada e tentar pegar os outros. Quando um jogador é pego, ele segura nos ombros ou na cintura do jogador que representa a cobra, e assim sucessivamente. Somente o primeiro jogador (a cabeça da serpente) pode pegar os outros. Os outros jogadores

do corpo podem ajudar a não permitir que os adversários passem, pois estes não podem passar pelo corpo da serpente. O último que não foi pego é o vencedor.

Após todos os jogadores serem pegos na brincadeira da *mamba*, foi proposta a brincadeira *fogo na montanha*. Para iniciar, é necessário escolher um líder. Os jogadores decidem uma palavra-chave e depois todos os jogadores ficam de costas. Há 3 regras: quando o líder gritar "fogo na montanha!", todos os jogadores pulam e respondem "fogo!", mas permanecem de costas; "fogo no rio!", os jogadores respondem "fogo!", mas não pulam; o líder indica outros lugares para o fogo, e sempre os jogadores respondem "fogo" sem pular. Quando o líder gritar "fogo no barco azul" ou qualquer outra frase que contenha a palavra-chave, todos os jogadores pulam e viram para frente gritando "fogo". Quem errar os movimentos sai do jogo.

Para finalizar, foi realizada a última brincadeira, denominada *estrelas e coletores*. Delimitado um campo para o jogo, com linha de saída e chegada, separadas por 5 ou 6 metros. Os jogadores foram divididos em dois grupos: um grupo representa as estrelas e o outro, os coletores. As estrelas se posicionam na linha de saída, enquanto os coletores ficam no meio do campo. O objetivo das estrelas é alcançar a linha de chegada, enquanto o objetivo dos coletores é impedir que as estrelas cheguem lá, interceptando seus jogadores. Toda vez que um coletor tocar em um jogador da equipe estrela, esse jogador estará fora do jogo. O jogo começa com toda a equipe estrela na linha de saída. Três ou mais coletores ficam no meio do caminho e recitam juntos: "As estrelas começam a brilhar, quantas irão à noite se aventurar?" A equipe estrela responde: "Mais do que você pode pegar!" Ao responder, os jogadores da equipe estrela saem correndo da linha de saída, tentando chegar à linha de chegada sem serem pegos por um coletor. As crianças que forem pegas pelos coletores saem do jogo. Novos coletores assumem a posição. Os jogadores da equipe estrela que não foram pegos tentam agora sair da linha onde se encontram para alcançar a outra linha. O jogo continua desta forma até que o último jogador da equipe estrela, que não foi pego, se torne o vencedor. Para finalizar, foi realizada uma assembleia com a votação da brincadeira favorita.

**Figura 1 e 2** – Imagens das atividades da primeira dupla



**Brincando de amarelinha africana**  
Fonte: Acervo pessoal



**Votação da brincadeira favorita**  
Fonte: Acervo pessoal

A segunda dupla optou por trazer a sala um pouco da culinária Africana. Para esse fim, iniciaram a aula apresentando para as crianças o livro *Africanidades – Culinária Afro-Brasileira*, (Filho; Honora, 2010) que conta a história de algumas receitas trazidas e criadas pelo povo africano no Brasil, como: Feijoada, angu, quixerinha, cocada, acarajé e o *qumbé*. Fora realizada uma conversa sobre os alimentos apresentados no livro e quais estão presentes em nosso cotidiano na escola e em casa. Para a atividade principal, fora proposta a realização da receita do doce africano *qumbé*. Foram chamadas algumas crianças para adicionar os ingredientes e mexer o doce. A medida que era realizada a receita destacou-se como o *qumbé* é realizado com ingredientes baratos e acessíveis. Finalizado o doce, as crianças recebiam uma pequena quantidade para enrolar e colocar na forminha e após finalizar esse processo as crianças degustaram a receita realizada durante a aula.

**Figura 3 e 4** – Imagens das atividades da segunda dupla



**Realizando a receita**  
Fonte: Acervo pessoal



**Degustando o doce**  
Fonte: Acervo pessoal

A terceira dupla optou por trazer um pouco da arte africana para a sala de aula. Iniciaram a aula mostrando imagens de esculturas e vasos para que as crianças observassem as características das obras. Posteriormente, exibiram um vídeo sobre as máscaras, nomeado *África: Máscaras africanas*<sup>1</sup> no qual explicavam que esses artefatos representam uma expressão cultural profundamente enraizada nas tradições e crenças dos diversos povos do continente. São elementos que transcendem meramente o aspecto estético, carregando consigo significados simbólicos, históricos e espirituais.

Fora destacado que as máscaras africanas não são meros objetos decorativos, mas sim veículos de comunicação com os ancestrais, representação de forças da natureza e manifestação de identidades étnicas. Cada traço, cada símbolo gravado nessas máscaras carrega uma narrativa rica e complexa, transmitindo valores, mitos e tradições de geração em geração. Uma das características mais marcantes das máscaras africanas é a sua diversidade. Ao percorrer diferentes regiões do continente, depara-se com uma multiplicidade de estilos, formas e significados associados a essas obras de arte. Desde as máscaras

<sup>1</sup> Disponível em: <https://youtu.be/4zeoGoJx7L4> acesso em 26/01/2024, às 13:00

geométricas e estilizadas dos *Dogons do Mali* até as elaboradas e coloridas máscaras dos *Yorubás* da Nigéria, cada cultura possui suas próprias técnicas e estilos distintivos.

Além disso, ressaltou-se que as máscaras africanas desempenham papéis cruciais em diversas cerimônias e rituais. Seja em ritos de passagem, festivais sazonais, cerimônias de cura ou eventos comunitários, esses artefatos desempenham funções que vão desde a invocação dos espíritos ancestrais até a celebração da fertilidade e da colheita.

Após compreenderem o significado das máscaras, chegou o momento das crianças colocarem a mão na massa e criarem suas próprias máscaras utilizando tintas, papéis, tesoura e principalmente, a criatividade. O resultado obtido foi uma exposição de máscaras diferentes, onde nossos artistas colocaram em prática os conhecimentos adquiridos através do vídeo e seu senso estético.

**Figuras 5 e 6** – Imagens das atividades da terceira dupla



**Confeccionando máscaras africanas**  
Fonte: Acervo pessoal



**Confeccionando máscaras africanas**  
Fonte: Acervo pessoal

A última dupla, optou por levar a sala um pouco das histórias Africanas iniciando a aula com a contação da lenda das *Abayomi* presente no livro *As bonecas negras de Lara*. (Ferreira, 2017) Essas pequenas bonecas feitas de retalhos, carregam consigo histórias de resistência, amor e conexão com os ancestrais. Diz a lenda que, durante a travessia forçada nos navios negreiros, as mães africanas, separadas de seus filhos, enfrentavam a dor da saudade e a incerteza do destino. Com o intuito de acalantar e proteger seus pequenos durante essa jornada tão árdua, elas utilizavam seus conhecimentos em tecelagem para criar algo especial: as *Abayomi*. (SILVA, 2009) Essas bonecas eram feitas com pedaços de tecido, retirados das próprias roupas das mães escravizadas, e trançadas com habilidade e amor. Cada nó, cada trança, carregava consigo a esperança e o afeto dessas mulheres, que mesmo diante das adversidades, encontravam uma maneira de expressar seu cuidado e carinho e ao desembarcarem nas terras desconhecidas das Américas, as mães africanas entregavam essas bonecas aos seus filhos como uma lembrança de suas raízes, uma conexão com a terra distante que deixavam para trás. Após essa conversa inicial, foram entregues tecidos às crianças para que confeccionassem suas próprias bonecas de pano seguindo as orientações das acadêmicas aprimorando a coordenação motora fina das crianças.



**Contação de história**  
Fonte: Acervo pessoal



**Confeccionando bonecas Abayomi**  
Fonte: Acervo pessoal

As atividades realizadas durante essa experiência foram de suma importância para promover a valorização da cultura africana e afro-brasileira no contexto educacional. Desde a apresentação das brincadeiras e jogos de origem africana até a exploração da culinária, arte, histórias e tradições africanas, cada dupla de acadêmicos trouxe elementos ricos e significativos para enriquecer o aprendizado das crianças. Através dessas atividades, as crianças puderam não apenas se divertir, mas também compreender a importância da diversidade cultural, além de fortalecer sua identidade e autoestima. A contação da lenda das *Abayomi*, em especial, resgatou valores de resistência e amor ancestral, conectando as crianças com suas raízes e proporcionando um espaço para reflexão e celebração da herança africana. Portanto, fica evidente que essas práticas pedagógicas são fundamentais para uma educação mais inclusiva, representativa e respeitosa com as diferentes culturas presentes em nossa sociedade.

### **Aproximações metodológicas e resultados**

Em análise, o presente relato de experiência, caracteriza-se como um primeiro passo para investir em pesquisas do tipo estudo de caso à medida que busca apresentar como as práticas pedagógicas no âmbito do PIBID podem colaborar, ao divulgar o recorte de ações desenvolvidas no subprojeto do Curso de Pedagogia, na valorização da cultura africana e afro-brasileira desde a mais tenra idade. O motor do estudo de caso é a observação participante. “A observação é chamada de participante porque parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado”. (André, 1995 p. 17). A partir da observação participante este trabalho ilustra a participação de oito discentes bolsistas do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Ponta Grossa em conjunto com professora supervisora atuante na Educação Infantil em uma Escola Municipal da referida cidade. O relato descreve as práticas pedagógicas realizadas no mês de novembro de 2023.



A professora supervisora discorre neste relato sobre o papel do ensino da diversidade cultural, bem como as contribuições que as vivências proporcionam às crianças no contexto da educação infantil.

### **Considerações finais**

Para um efetivo trabalho pedagógico, é necessário o desenvolvimento de práticas e metodologias que contemplam o aluno como protagonista na construção do conhecimento. O relato da experiência realizada no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), evidencia a importância e os impactos significativos ao incorporar a cultura africana no contexto educacional, especialmente na Educação Infantil. Através de práticas pedagógicas reflexivas, os participantes puderam vivenciar e promover uma educação mais inclusiva, representativa e respeitosa com as diferentes manifestações culturais presentes em nossa sociedade.

A valorização da diversidade cultural, em particular da cultura afro-brasileira, não se limita apenas ao cumprimento de legislações educacionais, como a Lei nº 10.639, mas reflete um compromisso ético e pedagógico com a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e respeitosa com as diferenças. As ações desenvolvidas durante o período destacado no relato demonstram o potencial transformador do ambiente escolar quando se adota uma abordagem que reconhece e celebra as múltiplas identidades culturais.

Através da contação de histórias, exploração da culinária, vivência de brincadeiras e jogos de origem africana, assim como a apreciação e produção de arte inspirada na cultura africana, as crianças puderam não apenas ampliar seus repertórios culturais, mas também fortalecer sua autoestima e identidade. Além disso, a reflexão sobre figuras históricas e símbolos culturais relevantes para a comunidade afrodescendente contribui para uma compreensão mais ampla da história e das lutas por igualdade e reconhecimento.

É fundamental destacar que a implementação de práticas pedagógicas inclusivas e representativas exige não apenas boa vontade, mas também formação continuada, diálogo intercultural e engajamento da comunidade escolar. O PIBID se destaca como um espaço privilegiado para o desenvolvimento e compartilhamento de experiências pedagógicas inovadoras, capazes de inspirar e influenciar positivamente a prática docente e o processo de ensino-aprendizagem.

Em suma, o relato de experiência apresentado neste artigo reafirma a importância do ensino da diversidade cultural na Educação Infantil como um caminho para promover a justiça social, o respeito às diferenças e a construção de uma sociedade mais democrática e inclusiva. Ao reconhecer e valorizar as contribuições da cultura africana, estamos não apenas enriquecendo o ambiente escolar, mas também formando cidadãos conscientes, críticos e



comprometidos com a promoção da igualdade e do respeito à diversidade em todas as esferas da vida social.

## Referências

- ANDRÉ, M. E. D. A. *Etnografia da prática escolar*. Campinas, SP: Papyrus, 1995.
- BRASIL. *Lei n. 10.639/03, de 9 de janeiro de 2003*. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm). Acesso em: 13 de maio de 2020.
- CUNHA, D. A. *Brincadeiras africanas para a educação cultural*. Castanhal, PA: Edição do autor, 2016.
- FILHO, A. J. D. HONORA, M. *Africanidades: Culinária Afro-Brasileira*. Editora ciranda cultural, 2010.
- EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. *As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na Educação da Primeira Infância*. Porto Alegre: Penso, 1999.
- FERREIRA, A. J. *As bonecas negras de Lara. ABC projetos culturais*, 2017.
- HOOKS, B. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2017.
- OLA MUSEU. *África: Máscaras Africanas*. Youtube, 30 de Abril de 2020. (Disponível em: <https://youtu.be/4zeoGoJx7L4> acesso em 26/01/2024, às 13:00)
- SILVA, S. M. *Experiência Abayomi: coletivos, ancestrais, femininos, artesanando empoderamentos*. V ENECULT. Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, UFBA, Salvador, 27 a 29 de maio de 2009.

